

## **SOCIOLOGIA HISTÓRICA E TEORIA PÓS-COLONIAL: DUAS ESTRATÉGIAS PARA DESAFIAR O EUROCENTRISMO<sup>220</sup>**

*Historical Sociology and Postcolonial Theory: Two Strategies for Challenging  
Eurocentrism*

Sanjay Seth<sup>221</sup>

**Resumo:** O eurocentrismo das ciências sociais é cada vez mais desafiado. Este breve ensaio sugere que podemos identificar duas principais formas de desafiar o eurocentrismo, ou seja, a sociologia histórica e teoria pós-colonial. Esclarece os pressupostos intelectuais e vinculações de cada um deles, em seguida, procura delinear as vantagens de um desafio pós-colonial ao eurocentrismo.

**Palavras-chave:** Eurocentrismo. Pós-Colonialismo. Sociologia Histórica. Ciências Sociais.

**Abstract:** The Eurocentrism of the social sciences is increasingly coming under challenge. This brief essay suggests that we can identify two main forms of challenging Eurocentrism, namely, historical sociology and postcolonial theory. It clarifies the intellectual presumptions and entailments of each of these, and then seeks to outline the advantages of a postcolonial challenge to Eurocentrism.

**Keywords:** Eurocentrism. Postcolonialism. Historical Sociology. Social Science

Hoje em dia ser crítico do eurocentrismo ou procurar "Provincializar a Europa" – de modo mais geral, tentando desalojar a Europa do seu lugar privilegiado no nosso pensamento – não é como anteriormente um projeto marginal, mas um projeto que envolve um número crescente de estudiosos. Como um resultado parcial, a forma como isso é feito varia muito. Esquemáticamente, é possível – como eu fiz no meu título – identificar duas estratégias distintas que têm sido adotadas para desafiar o

---

<sup>220</sup> Originalmente publicado em língua inglesa: *Historical Sociology and Postcolonial Theory: Two Strategies for Challenging Eurocentrism* Seth, Sanjay. 2009. *Historical Sociology and Postcolonial Theory: Two Strategies for Challenging Eurocentrism*. *International Political Sociology* 3 (3), pp. 334-338. Artigo traduzido com a permissão do autor pelo professor do curso de História da UEG, Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos. e-mail: [eduardo.vasconcelos@ueg.br](mailto:eduardo.vasconcelos@ueg.br).

<sup>221</sup> Após completar sua educação em Sydney e Canberra, ocupou cargos na Universidade de Sydney e da Universidade de Trobe La (Melbourne), bem como uma bolsa na Universidade de Tóquio. Em 2007 mudou-se para Goldsmiths, para assumir a cadeira de ciências política. Sanjay tem publicações nos campos da história moderna indiana, teoria política e social, a teoria pós-colonial e relações internacionais. Está particularmente interessado em como as ideologias modernas europeias e como o conhecimento moderno ocidental foram “transplantadas” ao mundo não ocidental e as consequências dessas ações nesses dois mundos. É professor do Goldsmiths, University of London. E-mail: [s.seth@gold.ac.uk](mailto:s.seth@gold.ac.uk)

eurocentrismo. O objetivo deste breve ensaio é contrastar estes, esclarecer os pressupostos intelectuais e vinculações de cada um, e, em seguida, brevemente, como alguém que escreve perfeitamente dentro da teoria pós-colonial para descrever o que eu vejo como as vantagens do caminho que escolhi.

Trabalhos de sociologia histórica ou política como os de Jack Goody (1996), Andre Gunder Frank (1998), Samir Amin (1989), James M. Blaut (1993) e John Hobson (2004), com todas as significativas diferenças entre eles, não obstante, têm uma agenda comum. Eles recontam a história do surgimento do mundo moderno, de tal maneira que a Europa já não ocupa uma posição de centralidade; eles desafiam o que poderíamos chamar a "narrativa convencional", em que a modernidade começa na Europa e então é espalhada gradualmente para o resto do mundo através do colonialismo, comércio e exército. Na(s) versão(s) (alternativa(s) que visa(m) substituir a narrativa convencional, na qual o desenvolvimento do capitalismo e da modernidade não é um conto de desenvolvimento endógeno da Europa, mas de interconexões estruturais entre diferentes partes do mundo que antecederam a ascensão da Europa e, além disso, propiciaram as condições dessa ascensão. Andre Gunder Frank escreve: "A Europa não se ergue por seus meios econômicos próprios, e certamente nem graças a qualquer tipo de "excepcionalismo" europeu, racionalidade, instituições, empreendedorismo ou tecnologia... ao invés disso a Europa usou o seu dinheiro americano para abrir mercados e se beneficiar de produção asiática, dos mercados, do comércio, em uma palavra, para lucrar com a posição predominante da Ásia na economia mundial" (Gunder Frank 1998:5-6).<sup>222</sup> Outras obras que estou chamando de sociologia histórica são menos polêmicas, focando menos nas grandes explicações alternativas se não mostrar a "grande divergência" entre o Ocidente e o resto [do mundo] ocorrido muito mais tarde do que a narrativa convencional poderia considera, ao contrario de qualquer traço ou junção de peculiaridades excepcionais na Europeu (ver, nomeadamente, Pomeranz 2000; Bin Wong 1997). Uma vez que comparações significativas são feitas, os fatores comumente pensados como exclusivos da história Europeia podem ser vistos como presente em partes da Ásia. Mas neste caso também, o objetivo é " desalojar a

---

<sup>222</sup> A teoria do sistema-mundo [também conhecido como teoria de sistemas mundiais] de Immanuel Wallerstein e seus colegas - que também enfatizou que o capitalismo e a modernidade não eram o dom (ou maldição) endógena do desenvolvimento europeu - é criticada por Gunder Frank e outros autores por não ir longe o suficiente, porque ainda concede a Europa a centralidade, tratando o resto do mundo como um " periferia " incorporados num sistema emergente cujo núcleo, desde o início, foi a Europa Ocidental.

construção do Estado Europeu e do capitalismo de suas posições privilegiadas como temas universalizantes na história do mundo" (Bin Wong 1997: 1).

O desafio do eurocentrismo é seguido de maneira diferente pela segunda estratégia, o que poderíamos chamar de pós-colonial. Os trabalhos de Dipesh Chakrabarty, Walter Dignolo, Timothy Mitchell e outros começam a partir da premissa de que não apenas os relatos dominantes oferecidos pelas ciências sociais, mas os próprios conceitos através que tais o relato são moldados, têm genealogias " que vão fundo nas tradições intelectuais e até mesmo teológicas da Europa " (Chakrabarty 2000: 4).<sup>223</sup> Isto não implica por si só que eles são "apenas" Europeus e provinciais, mas isso não significa que as categorias analíticas que as ciências sociais presumem ser universais – capital, estado, indivíduo, sociedade civil e assim por diante – não podem na verdade transcender a história da Europa a partir do qual são originários. "Provincializar a Europa" é, portanto, nem uma questão de rejeitar a Europa ou o pensamento europeu, nem, principalmente, de desenvolver relatos históricos que mostrem que a Europa seja menos única e central do que os relatos históricos convencionais fizeram. Isto é, em vez disso, escreve Chakrabarty, "explorar as capacidades e limitações de certas categorias sociais e políticas europeias ... no contexto de modos de vida não-europeus" (Chakrabarty 2000: 20).

Estou fazendo uma distinção, então, entre duas maneiras diferentes de procurar o mesmo fim, de deslocar a Europa e o pensamento europeu a partir da centralidade que é normalmente concedido. O único caminho para contestar o privilégio da Europa é interrogando, e em alguns casos proporcionar uma alternativa a convencional narrativa histórica segundo a qual a modernidade começa na Europa e, em seguida, irradia-se para fora. Uma vez que o foco está na história a ser contada, este é um empreendimento que tem suas disputas em grande parte no terreno empírico, contrapondo alguns fatos contra outros fatos, e fazer "duras" reivindicações de rigor e verdade. Trabalhos deste tipo têm uma ampla gama de referências históricas, repletos de fatos, figuras e comparações.

O que eu estou chamando obras pós-coloniais são "histórias mais "densas", muitas vezes com base em pesquisas de arquivo e, em parte como resultado disto, normalmente confinada a um lugar (Egito, Índia, América Latina). Não é novidade que o seu objetivo é o de mobilizar uma história não ocidental ou parte da mesma a fim de mostrar que as

---

<sup>223</sup> Ver também Mignolo (2000, 2003), Mitchell (1988, 2000). Esta lista é de nenhuma maneira exaustiva.

categorias através das quais nós pensamos não são totalmente adequados para essa tarefa, o que falta em termos de variedade empírica, em comparação com o primeiro grupo, eles compensam para com uma ampla gama de referenciais teóricos.

Esta distinção é, naturalmente, esquemática e, portanto, exagerada. As duas estratégias não são mutuamente contraditórias. No entanto, essas são duas maneiras muito diferente de enfraquecer o eurocentrismo. De forma resumida, pode-se dizer que a sociologia histórica visa uma genealogia alternativa da modernidade com a finalidade de produzir uma ciência social melhor – enquanto a teoria pós-colonial, ou pelo menos do tipo que invoco aqui, pois existem outros tipos – procura problematizar as premissas que regem as ciências sociais, geralmente pela justaposição de suas categorias analíticas com passados e presentes não ocidentais. Como alguém que opta pela segunda alternativa, vou agora delinear o que eu vejo como os dois principais benefícios desta abordagem.

O pós-colonialismo assume que mesmo após os preconceitos das ciências sociais corrigidos feitos pelos ajustes necessários, problemas da política do conhecimento permanecem, precisamente porque as categorias centrais das ciências sociais são o produto de uma história europeia, e não são necessariamente adequadas para todos os lugares, mesmo em suas versões corrigidas. Apresentando de outra forma, não pode ser apenas o "conteúdo" das ciências sociais (as explicações que elas oferecem, as narrativas que constroem) que são moldada por uma genealogia que é duplamente europeia e colonial, mas a sua própria "forma" (os conceitos através dos quais as explicações se tornam possíveis, incluindo a ideia própria do que conta é uma explicação). No espaço limitado disponível, eu vou apresentar um outro exemplo. O exemplo é a "religião", uma categoria que assume a forma de um gênero dividido em espécies diferentes (Cristianismo, Islamismo, Budismo, etc.), e, portanto, uma categoria que parece ter "incorporado" um capacidade de ser sensível a diferença e para traçar comparações uteis – ao menos uma vez que foi purgado de qualquer bagagem eurocêntrica. No entanto, esta é uma categoria que também já foi construída dentro de ideias, "crenças" (pertencente ao transcendente ou "sagrado") que constituem sua essência; diferentes religiões são distinguidas por suas diferentes crenças. Mas essa compreensão da religião, longe de ser universal e trans-histórica, na verdade é em si um produto de uma história, como alguns estudiosos da religião estão reconhecendo. Peter Harrison argumenta que na Inglaterra ao longo do século XVII e século XVIII “a

religião' foi construído ao longo essencialmente da linha racionalista, por isso foi criada dentro da imagem prevalecente dos métodos racionalistas de investigação... pesquisar sobre a religião de um povo tornou-se uma questão de perguntar o que se acreditava..." (Harrison 1990: 2);<sup>224</sup> "religião" e "crença" surgiram como categorias mutuamente construídas. Assim, a própria noção de "Religião" é ela mesmo "um a categoria teológica cristã" (King 1999: 40), "uma moderna invenção que o Ocidente, que durante os últimos duzentos anos ou mais, tem exportado para o resto do mundo" (Hick 1999: vii). Mas essa pode não ser uma exportação útil: pode produzir mal-entendidos e comparações infrutíferas quando aplicado a "religiões" não submetidas a mesma história que as tornaram um sistemas de crença. O mesmo, gostaria de sugerir, é verdade para muitas das categorias das ciências sociais, incluindo a categoria conceito de "sociedade" em si, e da mesma forma "natureza"; e até mesmo a própria distinção entre a "representação" e o "real", que Timothy Mitchell argumentou, não é algo dado e natural, mas "de um determinado prática histórica em que ainda são apanhados " (Mitchell 1988: 173).

Tais argumentos podem provocar a ira, e por vezes, levar a acusações de que tais reivindicações produzem "relativismo" e o abandono da aspiração de entender e explicar. Mas note que, como no exemplo da religião mencionado acima, tal problematização de categorias surgem no decorrer da sua exploração e frequentemente no desenvolvimento das categorias; e o argumento nunca é de que as ciências sociais são pura e simplesmente europeias e são, portanto, "erradas." O argumento é geralmente – e na minha opinião deve sempre ser – que nós não podemos prescindir destas categorias, mas que elas muitas vezes fornecem uma compreensão apenas parcial. Na frase elegante de Chakrabarty, a teoria pós-colonial pretende registrar e explorar a "indispensabilidade simultânea e a inadequação do pensamento da ciência social" (Chakrabarty 2000: 6).

A segunda razão para preferir praticar a teoria pós-colonial como um caminho para provincializar a Europa está conectado com a primeira. A sociologia histórica anti-eurocêntrica embasa sua pretensão de produzir um conhecimento "melhor" com o fundamento de que ele representa com maior precisão o que realmente aconteceu. Mas o conhecimento não apenas oferece a cognição de um mundo externo a ele por representar este mundo, ele também constitui ele; e o pensamento ocidental moderno, o qual as

---

<sup>224</sup> Ver também Asad (1993), Byrne (1989), Palin (1984) e Smith (1982).

ciências naturais e sociais são as expressões convencionais, foram formativas da modernidade e não têm sido apenas a auto-apreensão da modernidade. Este *insight* teórico é largamente ineficaz a sociologia histórica anti-eurocêntrica, porque sua aspiração de "fazer ciências sociais melhor" pressupõe aceitar que a relação entre o conhecimento e seus objetos é uma relação de exterioridade, onde o conhecimento "representa," "torna" "capturas" e "retrata." Em contraste, o pós-colonialismo é mais receptivo à ideia de que os conhecimentos podem criar, e não apenas descrever. Assim Mitchell argumenta que a distinção entre real e representação, central para a forma ocidental de apreender e organizar o mundo, não faz muito sentido para os Egípcios, que não pensaram dessa forma e nem habitaram um mundo organizado em torno desta distinção. Em um caminho similar, eu argumentei que muitas das ansiedades e queixas de que veio para o centro entrono da introdução do conhecimento ocidental na Índia – que estudantes indianos foram absorvendo novos conhecimentos na suas velhas formas, pela aprendizagem mecânica, ou que os indianos educados estavam no meio de uma crise moral, "fragmentados" entre suas crenças tradicionais e as novas ideias que eles estavam expostos na escola e na universidade – deve ser lida menos como atestando a verdadeira problemas, e mais como uma indicação de que certos pressupostos fundamentais do conhecimento moderno não poderia, de fato, ser adotado na Índia. Eu leio essas reclamações e controvérsias como indicativos que os pressupostos fundamentais que estão por trás deles – que o conhecimento é uma relação entre um significado – dotando de subordinação um mundo de objetos desencantados (que é por isso que o conhecimento tem que ser feito individualmente e a aprendizagem mecânica é uma insuficiência de conhecimento ao invés de uma forma dele), e que este princípio moral é uma questão de "crenças" realizada em algo chamado "mente" (daí por que os indianos educados na ocidente foram tidos como sofrendo de crise moral, embora a maioria deles parecesse alegremente inconsciente deste fato) não adquiridos na Índia. No entanto, como as instituições e as práticas da administração colonial e, não menos importante, do próprio conhecimento moderno, transformou a vida e o mundo: na Índia e no Egito, o conhecimento ocidental e as ciências sociais tornaram-se mais adequada como ferramentas para "representação" dessa mudança de cena. Como a distinção entre o real e representação tornou-se a grade de organização da vida coletiva, assumiu certa realidade, e agora tornou-se significativa de uma forma que não havia sido anteriormente; como a relação sujeito/objeto veio para embasar não só pedagogia, mas o

traçado espacial da cidade e as práticas dos tribunais de justiça e dos escritório, alguns indianos tornaram-se sujeitos que experimentaram a moralidade e religião como crenças, e agora eram capazes de ser dilacerados pelo conflito entre diferentes crenças (Seth 2007).

Mas sempre apenas parcialmente, que é uma importante razão porque as ciências sociais permanecem imediatamente indispensáveis, mas também insuficiente. Essas insuficiências são muito aparente (para aqueles dispostos a ver) em relação ao mundo não ocidental. Mas o conhecimento moderno não refez tão completamente o Ocidente que as ciências sociais são inteiramente adequadas a ser ele (Seth de 2007, esp. o "Epílogo"). Também no Ocidente, as categorias analíticas das ciências sociais não fazem de forma nítida e completamente planejada em cima de todo espaço social, por muitas e variadas formas de solidariedade humana e de pertencimento não completamente deu lugar ou foram subordinados por, cidadania; arenas públicas mais velhas e práticas de identidade não foram completamente apagados pelos rituais nacionais; e os pressupostos seculares das ciências sociais não se tornaram o bom senso de todos.

Portanto, um projeto que começa por examinar criticamente as pretensões universalistas das ciências sociais em relação ao passado e o presente não-ocidental pode acabar fazendo mais do que desafiar o eurocentrismo. E isso pode revelar-se o mais importante diferença entre a sociologia histórica e teoria pós-colonial – que enquanto a primeira parte do princípio de que as ciências sociais podem (ser feitas para) ser aplicável em todos os lugares, a teoria pós-colonial argumenta que eles são inteiramente adequadas a lugar nenhum.

### *Bibliografia:*

- Amin, Samir. (1989) *Eurocentrism*. Translated by Russell Moore. London: Zed Books.
- Asad, Talal. (1993) *Genealogies of Religion*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Bin Wong, Roy. (1997) *China Transformed: Historical Change and the Limits of Western Experience*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Blaut, James M. (1993) *The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History*. New York: Guildford Press.
- Byrne, Peter. (1989) *Natural Religion and the Nature of Religion: The Legacy of Deism*. London and New York: Routledge.

Chakrabarty, Dipesh. (2000) *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Goody, Jack. (1996) *The East in the West*. New York: Cambridge University Press.

Gunder Frank, Andre. (1998) *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*. Berkeley: University of California Press.

Harrison, Peter. (1990) *'Religion' and the Religions in the English Enlightenment*. Berkeley: Cambridge University Press.

Hick, John. (1991) *Foreword to Wilfred Cantwell Smith, The Meaning and End of Religion*. Minneapolis, MN: Fortress.

Hobson, John. (2004) *The Eastern Origins of Western Civilisation*. Cambridge: Cambridge University Press.

King, Richard. (1999) *Orientalism and Religion: Postcolonial Theory, India and "The Mystic East"*. London: Routledge.

Mignolo, Walter. (2000) *Local Histories / Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton, NJ: Princeton University Press. [Histórias locais/Projetos globais - Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.]

Mignolo, Walter. (2003) *The Darker Side of the Renaissance*, 2nd ed. Ann Arbor: Michigan University Press.

Mitchell, Timothy. (1988) *Colonizing Egypt*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mitchell, Timothy. (2000) *Rule of Experts: Egypt, Techno-Politics, Modernity*. Berkeley: University of California Press.

Pailin, David A. (1984) *Attitudes to Other Religions: Comparative Religion in Seventeenth and Eighteenthcentury Britain*. Manchester: Manchester University Press.

Pomeranz, Kenneth. (2000) *The Great Divergence: China, Europe and the Making of the Modern World Economy*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Seth, Sanjay. (2007) *Subject Lessons: The Western Education of Colonial India*. Durham, NC: Duke University Press.

Smith, Jonathan Z. (1982) *Imagining Religion: From Babylon to Jonestown*. Chicago: University of Chicago Press

Enviado em: 20/04/2016.

Aprovado em: 10/06/2016.